

Revisita aos escritos de Hilton Ferreira Japiassu

Ana Maria Ramos Sanchez Varella

<http://lattes.cnpq.br/9470675519276604>

Jerley Pereira da Silva

<http://lattes.cnpq.br/1012314103423287>



Filósofo brasileiro, possui vasta obra com mais de 15 livros traduzidos do francês, mais de 30 artigos e capítulos de livros. Impossível não homenagear Japiassu quando o assunto é Ciência e interdisciplinaridade. Nosso agradecimento e homenagem a quem muito contribuiu com nossas pesquisas.

Compartilhamos com o leitor a riqueza de alguns de seus escritos que serviram para nossos estudos e pesquisas. Ler Japiassu é ter a possibilidade de refletir sobre a Ciência da Interdisciplinaridade.

O que mudou depois de sua partida?

Talvez não seja o momento para interpretações de suas colocações, mas é a chance de exercitarmos nossa escuta sensível e aprender.

“No mundo atual, o cientista é ao mesmo tempo um precioso capital, um grande investimento cuja rentabilidade precisa ser assegurada, uma moeda de troca, uma imagem de marca nacional ou ideológica. Num certo sentido, sua função teatralizou-se. Ele passa a ser um iceberg flutuando sobre o oceano de nossas incertezas, de nossas ignorâncias. Sem dúvida, a parte oculta de seu trabalho só justifica o estatuto privilegiado que lhe reconhecemos, mas ele não pode permanecer estranho à "sociedade do espetáculo". Nas Ciências Naturais, podemos descobrir um tronco comum, de tal forma que temos condições de passar da Matemática à Mecânica, depois à Física e à Química, à Biologia e à Psicologia Fisiológica, segundo uma série de generalidade crescente. Não se verifica semelhante ordem nas Ciências Humanas. A questão da hierarquia entre elas fica aberta” (JAPIASSU, 1976, p. 84).

Japiassu (2005, p.183) acredita que nenhum cientista humano pode renunciar ao exercício do pensamento, pois enquanto “velhos paradigmas se eclipsam, outros se tornam centrais”. O que se busca é a construção de uma disciplina adisciplinar.

“O espaço interdisciplinar, não pode ser outro senão o campo unitário do conhecimento. Jamais esse espaço poderá ser constituído pela simples adição de todas as especialidades, nem tampouco por uma síntese de ordem filosófica dos saberes especializados. O fundamento do espaço interdisciplinar deverá ser procurado na negação e na superação das fronteiras disciplinares” (JAPIASSU, 1976, p. 74-75).

A disciplinaridade significa a exploração científica especializada de determinado domínio homogêneo de estudo. É o conjunto sistemático e organizado de conhecimentos que apresentam características próprias nos planos do ensino, da formação, dos métodos e das matérias. Esta exploração consiste em fazer surgir novos conhecimentos que se substituem aos antigos (JAPIASSU, 1976, p.72).

Japiassu se mostrava preocupado com os novos paradigmas para as ciências humanas, que tem a função de ajudar os homens em suas decisões de ordem política, administrativa, terapêutica ou pedagógica. A reflexão surge com a exigência de uma epistemologia que não aceita que os “cientistas saibam sem saber que sabem e o que sabem” (2005, p.185), ou seja, não basta saber, a avaliação desse saber é o que importa. O autor ainda nos adverte ser fundamental conhecer o sentido do agir humano em todas as suas dimensões.

“A ciência é a consciência do mundo. A doença do mundo moderno corresponde a um fracasso, a uma demissão do saber. Semelhante propósito pode surpreender, se pensamos na multidão dos ‘sábios’ ou pretensos sábios que povoam as universidades, os laboratórios, os institutos de pesquisa em toda a face da Terra (JAPIASSU, 1976, p.11).”

Segundo Morin (2001, p.156) até os anos 70, o pensamento era “fundamentado em um princípio de ordem”, entretanto surgiram outros estudiosos como Prigogine, Monod, Von Foerster e Atlan que mostraram que a ordem poderia vir também da desordem.

O mais importante é perceber que a partir dessas discussões entre ordem e desordem, surge a complementaridade no antagonismo. Morin (2001, p.156) ainda complementa que “é a consciência da necessidade do pensamento sistêmico que criará a mudança do estado de espírito” e a possibilidade de as universidades continuarem a se abrir à ciência. Ele ainda

questiona nossa incapacidade em pensar tudo em conjunto. Segundo ele (2001, p.169) os homens continuam a “segmentar, separar, compartimentar, isolar, quando seria necessário reunir”. Se o homem tiver consciência e responsabilidade ele poderá transpor determinismos que parecem intransponíveis. Tornou-se vital que nossas mentes se elevem à nova consciência política e planetária e possam tomar o controle de um futuro cego. O destino da humanidade será jogado, portanto, no terreno da consciência e da inteligência humana (Morin, 2001, p.174). Morais (2005, p.14) chama nossa atenção do reconhecimento dos “papéis de ator e construtor que nos é destinado e a riqueza do diálogo Inter e Transdisciplinar, percebendo que não somos seres estranhos ao mundo em que vivemos”. O caminho que vai sendo traçado aqui é perceber o pensamento da inclusão, da reconstrução, principalmente na área da educação, porque é nesse eixo que tanto educador quanto educando têm a oportunidade de dialogar. Morais (2005) apresenta as contradições e complexidades que levam à construção interna do ser. A afetividade e subjetividade complementam a ciência e permitem sua reconstrução a cada momento. Essa abertura para Morin permite que sejam vividas as emoções e as afetividades. Por isso a reforma do pensamento é um desafio, porque criatividade, reflexão, lidar com diferenças, trabalhar em redes não complementam a necessidade que o educador tem em sua sala de aula. Reformar, reformular pensamentos, novos paradigmas, união de talentos, conhecer o próprio talento deve ser uma busca constante.

O interdisciplinar se apresenta como o remédio mais adequado à cancerização ou à patologia geral do saber. No entanto, na medida em que a maioria das análises permanece superficial, os remédios propostos também não atingem o fundo das coisas (JAPIASSU, 1976, p.31).

O educador, em sala de aula, é o próprio autor-ator de suas realizações. Ao compartilhar suas ações, ele permite a coautoria dos educandos no processo. Essa é a riqueza, esse é o avanço da ciência. É acertar, errar, corrigir, vivenciar. Audácia, coragem, esperança, vontade é assim que se apresentam as novas discussões para o educar. A reformulação de pensamentos para a educação deve passar, sem dúvida nenhuma pela reformulação dos pensamentos dos próprios professores. As novas práticas pedagógicas são desafios que requerem parceria na universidade. A apresentação da subjetividade no campo da construção pedagógica pode ser um despertar dos educandos para novos caminhos também subjetivos, mas construídos com pesquisa e novos conhecimentos. Quando o caos se instaurar em sala de aula, o caminho deve ser o do diálogo, da humildade, da sinceridade, da serenidade, da organização, planejamento, atitude, competência, comprometimento. Promover abertura, diálogo, coerência na complexidade, não

permanecer fechado para as novas teorias, novos caminhos e conhecer o processo da construção do conhecimento.

O que realmente importa, no diálogo interdisciplinar, aquilo que não somente é desejável, mas também indispensável, é que a autonomia de cada disciplina seja assegurada como uma condição fundamental da harmonia de suas relações com as demais. Onde não houver interdependência disciplinar, não pode haver interdependência das disciplinas (JAPIASSU, 1976, p.129).

Fazenda e Japiassu nos impulsionam ao exercício do pensar, para que novos diálogos se processem e proporcionem aos seus pesquisadores momentos de inteira reflexão e mudanças de paradigmas. Nesse momento, surge um vínculo construtivo e idealizador, uma possibilidade da busca de novos sentidos para o “ser Educador”.

Para JAPIASSU (in Fazenda 2011, p.18) “se quisermos exercer alguma influência no rumo empreendido pela Ciência contemporânea”, será preciso que se tenha a consciência da necessidade de uma ação para ele chamada direta no momento em que se tenta dar conta dos conhecimentos científicos e de uma ação indireta, “convertendo-nos em pedagogos capazes de formar aqueles que mudarão o mundo”.

A Interdisciplinaridade preserva a integridade do pensamento e o restabelecimento de uma ordem perdida, segundo FAZENDA (2011, p.8). Para a autora, a primeira condição de efetivação da Interdisciplinaridade é o desenvolvimento da sensibilidade. Será fundamental formação que pressuponha “treino na arte de entender e esperar, desenvolvimento no sentido da criação e da imaginação”. O ideal será um enorme movimento em que sejam acionadas transformações internas nos seres e ao mesmo tempo, como afirma JAPIASSU, que seja possível a transformação do mundo do saber.

(...) o verdadeiro espírito interdisciplinar consiste nessa atitude de vigilância epistemológica capaz de levar cada especialista a abrir-se às outras especialidades diferentes da sua, a estar atento a tudo o que nas outras disciplinas possa trazer um enriquecimento ao seu domínio de investigação e a tudo o que, em sua especialidade, poderá desembocar em novos problemas e, por conseguinte, em outras disciplinas (JAPIASSU, 1976, p.138).

Referências

- FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas: Papyrus, 2001.
- _____. **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas: Papyrus, 2003.
- JAPIASSU, Hilton. **O eclipse das ciências humanas e a crise da psicanálise**. São Paulo: Letras e Letras, 2005.
- _____. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- MORAES, Maria Cândida. **Reconfigurando o cenário epistemológico**. São Paulo: 2005
- MORIN, Edgar. **Educação e Complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2005.
- VEGA, Alfredo Pena, ALMEIDA, Cleide, PETRAGLIA, Izabel (orgs) Edgar Morin: **Ética, cultura e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.